



O Desenvolvimento das Habilidades de Leitura e de Escrita por meio do Jornal Impresso



Lidia Paula Trentin
Frankiele Oesterreich

1. INTRODUÇÃO

Trabalhar com mídias, em especial com a mídia impressa no contexto da escola, se faz importante pelo fato de oportunizar aos estudantes um maior contato com a rotina de produção das notícias, desde a apuração dos dados até a diagramação, e mostrar aos alunos da escola que eles têm condições de desenvolver um jornal impresso e, essa construção que gera envolvimento dos mesmos, influencia positivamente na formação.

Portanto, por meio do presente estudo pretende-se descrever os procedimentos realizados durante a produção do jornal impresso “O Eco”, com estudantes da turma 303, do terceiro ano do ensino médio, integrado ao Técnico em Informática da Escola Estadual de Educação Básica Professora Cléia Salete Dalberto, do município de Tenente Portela, RS.

A escolha de se produzir um jornal impresso se deu pelo fato de Tenente Portela ser uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, onde nem toda a população tem acesso à Internet. Assim o jornal impresso pôde alcançar todos os interessados e com a vantagem de poder ser lido diversas vezes e também poder ser guardado como forma de recordação por quem o produziu.

A turma 303 foi escolhida por estar em constante contato com as tecnologias em virtude do curso técnico, com isso, se esperava que tivessem uma facilidade maior no momento de fazer as fotografias e as edições necessárias e também a diagramação do jornal.

Por meio deste estudo investigou-se se a produção de um jornal impresso por alunos de escolas de municípios rurais pode desenvolver a capacidade de escrita e leitura dos mesmos. Além disso, procurou-se identificar se houve aumento na criticidade em relação aos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação; descrever o processo de produção do jornal; relatar as atividades bem-sucedidas e as que não se obteve sucesso; e mencionar as facilidades e as dificuldades encontradas no processo de produção do jornal impresso com os estudantes.

Dentre os objetivos da produção do jornal impresso com estudantes, está despertar o interesse destes em relação ao jornalismo e à comunicação; fazer com que se tornem sujeitos mais críticos em relação aos meios de comunicação; mostrar aos alunos que eles têm condições de montar um jornal impresso na escola; e apresentar aos estudantes uma maneira diferente e que pode ser divertida de aprender e de expressarem-se.

A metodologia empregada para análise foi de entrevista com a professora de português e questionário aplicado aos estudantes da turma 303. Já a método utilizado na produção do jornal impresso “O Eco” baseou-se em uma pesquisa-ação.

Abordaremos a seguir, em um primeiro momento, conceitos de educomunicação e mídias e tecnologias na educação, em seguida jornalismo impresso e jornalismo no interior, assim como traremos considerações sobre jornais escolares. Além disso, apresentaremos os resultados da produção do jornal impresso pelos alunos, as etapas e os métodos de comunicação utilizados.

2. EDUCOMUNICAÇÃO PARA INOVAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A educomunicação é, conforme Soares (2004), um conjunto de ações ligadas à elaboração, execução e à avaliação dos produtos e métodos com o intuito de conceber e consolidar os ecossistemas comunicativos em ambientes educacionais, aprimorar o grau de comunicação das ações com caráter educativo, desenvolver a criticidade dos indivíduos em relação aos meios de comunicação de massa, utilizar de forma adequada, nas práticas educacionais, os recursos de informação, e, também, aumentar capacidade desses sujeitos se expressarem.

Há alguns procedimentos característicos da educomunicação, segundo o autor (2004): a necessidade de antecipar e planejar as ações em conjunto com as escolas e com todos os indivíduos envolvidos, tanto os responsáveis quanto os beneficiários, nunca isoladamente; os relacionamentos comunicacionais devem ser claros e abertos; e o desenvolvimento das habilidades de expressão dos sujeitos, tanto individualmente quanto em grupo.

Em relação à educação dos estudantes para os meios de comunicação, as escolas, segundo Moran (2007), também são responsáveis, ou seja, na escola o aluno deve aprender a ser sujeito crítico e não receptor passivo das informações. O autor (p. 03) explica que “é importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos”, por isso as escolas devem incorporar e desvendar os códigos das tecnologias “dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações”, para que os alunos saiam das escolas compreendendo que as tecnologias podem ser utilizadas para fins educativos e não somente de diversão e entretenimento.

Compete aos professores, de acordo com Peters e Fruet (2011) entender a importância de se adquirir um conhecimento maior em relação às tecnologias e de como utilizá-las como método para ensinar e aprender em sala de aula, pois as tecnologias além de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais interessante, faz com que o conhecimento do aluno seja ampliado, já que se tem mais acesso a informações, muitas delas que há algum tempo eram disponíveis para poucos.

Há educadores que preferem o caminho do risco, o caminho da apropriação. Para eles, não há como deter a tecnologia quando esta assegura a possibilidade de se promover o desenvolvimento da sociabilidade dos educandos. O caminho mais saudável, no caso, é o da convivência com o fenômeno, criando condições para que os jovens transformem-se, eles mesmos, em usuários atentos e críticos: se é verdade que o jovem brasileiro tem sido aquele que mais se identifica com os mecanismos de relacionamento propiciados pela tecnologia digital, cabe à educação apropriar-se do processo, no contexto da nova condição civilizatória. Quanto aos abusos, nada como uma negociação entre os educadores e os educandos para que se encontre o ponto de equilíbrio (SOARES, 2007, p. 38).

Mas há um grande desafio, formar professores de modo que garanta o “desenvolvimento de projetos de ensino mediados pelos mais diferenciados suportes midiáticos, mas que detenham a qualidade da proposta e possibilitem o alcance dos seus objetivos educacionais” (KENSKI, 2006, p. 18), pois ainda há professores que preferem o método tradicional de ensino.

Moran (2006) explica que, quando têm acesso às tecnologias, as escolas costumam as implantar em três etapas: a primeira é utilizar as tecnologias

para fazer a mesma coisa, só que de uma maneira melhor, no qual os alunos, por exemplo, têm nas tecnologias, um apoio à aprendizagem; a segunda é usar as tecnologias para realizar mudanças parciais, como em atividades complementares, com algumas inovações; e a terceira é empregar a tecnologia objetivando transformações inovadoras, que modifiquem o ambiente escolar, tornando flexível a organização curricular e o modo de gerir o ensino e a aprendizagem, com mais projetos voltados à pesquisa e atividades realizadas a distância em complemento às presenciais. As duas primeiras são de uso mais frequente nas escolas, por não demandarem um conhecimento muito grande das tecnologias, o que muitos professores ainda não possuem. A terceira é mais empregada em locais onde esse conhecimento é bastante amplo, como em universidades, por exemplo.

A utilização das tecnologias em sala de aula é importante, pois, segundo Moran (2007, p. 02), através delas podem-se mostrar as diversas maneiras de captar e exibir o “mesmo objeto, representando-o sob ângulos e meios diferentes: pelos movimentos, cenários, sons, integrando o racional e o afetivo, o dedutivo e o indutivo, o espaço e o tempo, o concreto e o abstrato”. O autor também explica que, as instituições escolares devem compreender e introduzir mais as novas linguagens, pois é “importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias e das mídias, que facilitem a evolução dos indivíduos” (MORAN, 2006, p. 31), isto, para que os estudantes se tornem sujeitos críticos em relação às informações veiculadas pelos meios de comunicação.

Por este motivo se faz importante a criação de conteúdos jornalísticos pelos próprios alunos, para que eles compreendam todo o processo de produção das notícias, desde a apuração até as edições finais e veiculação, desenvolvendo assim sua criticidade no que diz respeito às informações consumidas. Além disso, Peters e Fruet (2011) explicam a importância dos jornais **on-line**, que, além de ampliar as habilidades de escrever e ler, ainda podem ser uma ligação entre escola e comunidade. Quando o jornal é impresso, esse elo pode se tornar mais forte, já que a circulação do material impresso é mais fácil, principalmente entre pessoas e famílias que não possuem acesso à Internet, ou onde esse acesso é limitado.

A seguir entenderemos a importância dos jornais impressos para a comunidade, com um enfoque nos jornais do interior.

3. JORNALISMO NO INTERIOR E ESTUDANTIL

O primeiro meio de comunicação produzido pela humanidade foi o jornal impresso. Inicialmente, conforme Pereira Júnior (2006) somente as elites tinham acesso a esses jornais, mas, quando Koning inventou a rotativa, em 1812, tudo se modificou, pois com isso emitiu-se a produção de um grande número de cópias a preço baixo, assim, as camadas médias e populares da sociedade também passaram a ter acesso (SOUSA, 2001).

Atualmente, existem diversas especificidades no jornalismo, como exemplifica Sousa (2001, p. 15): “o jornalismo especializado é diferente do generalista. O jornalismo escolar é diferente do jornalismo empresarial. O jornalismo iraquiano é diferente do português”, cada tipo de jornalismo tem suas características próprias, graças às diferenças culturais, editoriais, de escrita, das formas de veicular as informações e também das maneiras de interpretar os fatos.

Além disso, existem alguns critérios, segundo Erbolato (1991), que geralmente são utilizados na escolha das notícias que serão publicadas nos jornais, dentre eles estão: proximidade, pois as pessoas querem saber do que acontece perto delas; consequências, os efeitos do acontecimento; progresso, o que pode mudar com este fato? Importância, o leitor precisa realmente saber desta notícia? E utilidade, a notícia vai fazer diferença na vida do leitor?

Os jornais do interior são muito caracterizados pela proximidade, pois segundo Vieira (2002), os fatos geralmente ocorrem perto do público. Há também uma proximidade maior entre o público e o jornalista que, muitas vezes, acaba por criar vínculos de amizade.

Dornelles (2010, p. 42) coloca que:

A particularidade do jornalismo interiorano, de nomes e apelidos e de públicos concretos, faz com que, ao menos potencialmente, a informação local é mais pluralista que a de outros tipos de jornais, uma vez que tem a oportunidade de representar mais diretamente a sociedade, tanto as minorias como as majorias, bem como a todos os grupos ou entidades sociais que não têm acesso a outros espaços comunicacionais.

A proximidade entre a notícia e o público é responsável por “comunicar conteúdos considerados pertinentes aos seus leitores com o objetivo de conseguir a fidelização dos públicos”, esta proximidade também faz com que os acontecimentos sejam mais bem compreendidos (DORNELLES, 2010, p. 239).

Segundo a autora, os acontecimentos locais devem ser privilegiados, aqueles que geralmente não noticiados pelos veículos de comunicação de circulação estadual, devem abranger “todas as áreas de atuação de uma comunidade, de maneira que o leitor reconheça a comunidade na leitura do jornal” (p. 40), é desta proximidade que depende o sucesso do jornal entre os leitores. Há também nos jornais do interior, sentimentos de amizade, solidariedade, bairrismo e vizinhança entre os jornalistas e os leitores, e quando se trata da defesa dos interesses da comunidade, há uma grande cumplicidade entre eles. Em compensação, quando a honra de algum dos cidadãos está em jogo, essa amizade pode prejudicar a prática de jornalismo informativo.

Em sua pesquisa, Dornelles (2011, p. 38) constatou que “a cumplicidade entre os jornalistas e leitores cria-se e fortalecem-se especialmente em jornais com tiragem inferior a 20 mil exemplares”, isso acontece porque, algumas vezes, segundo a autora (2011), os diretores e jornalistas participam da distribuição dos jornais, o que propicia conversas com os leitores, fazendo com que haja troca de ideias entre eles sobre diversos assuntos. E essa é uma das razões, explica Dornelles (2011, p. 38), pela qual os leitores interioranos têm especial afeto pelo jornal e jornalista de sua cidade. Outra modalidade de jornalismo que realiza essa aproximação com a comunidade é o jornalismo estudantil, no qual se estabelece uma relação entre as escolas, professores e alunos e a comunidade em geral que terá acesso ao material produzido.

De acordo com Werle, Britto e Nienov (2007, p. 83) o jornalismo estudantil é:

Uma imprensa constituída por grupos de alunos que, por curto período de tempo, estão na escola e que caracterizam, em seus escritos, ocorrências e imagens diretamente vinculadas aos atores ali presentes, e ao específico momento histórico institucional. Ou seja, é um espaço em que são expressados complexos processos de influência, de produção, de disseminação de opiniões e de informações acerca das relações entre estudantes, professores, direção, turmas de alunos, interações entre diferentes estabelecimentos escolares e com a comunidade externa

à escola; bem como acerca da proposta formativa da escola, valores e objetivos compartilhados ou que devam ser reforçados, reafirmados.

Nele os estudantes podem escrever sobre o que acreditam ser importante e interessante, coisas de seu dia-a-dia, o que provavelmente seria ignorado em um jornal comercial. Os estudantes também podem escrever notícias sobre acontecimentos fora da escola, buscando fontes, fazendo fotografias, escrevendo e editando e, dependendo da mídia onde a notícia será veiculada, diagramando, fazendo a locução e apresentando.

Bastos (apud WERLE, BRITTO & NIENOV, 2007, p. 82) explica que a “imprensa periódica pedagógica” – ou jornal estudantil – pode ser feita por alunos e destinadas a alunos; elaboradas por professores ou para os professores; criadas por professores para alunos, ou também “mantidas pela hierarquia do sistema educacional, ou outras instituições ligadas à educação, tais como sindicatos, associações de classe, Igreja, partidos políticos”. Essas modalidades de jornalismo são largamente utilizadas como formas de aproximação com a comunidade, pois muitas vezes há um afastamento involuntário, principalmente pela falta de tempo. O jornalismo impresso, em especial, proporciona maior contato entre comunidade e instituições por ser um meio de comunicação permanente e facilmente manuseado em diversos lugares.

É possível observar nos jornais estudantis, de acordo com Amaral (2012, p. 09) “valores, costumes e interesses que balizavam as relações dos jovens estudantes, bem como os reflexos das apropriações feitas a partir da cultura escolar da instituição a qual estavam ligados”. A cultura escolar é “tudo que permeia o espaço educativo: práticas, discursos, debates, contradições e desejos” e através dos jornais estudantis, os alunos espalham essa cultura (p. 09).

A importância deste tipo de jornalismo está no desenvolvimento de leitura, escrita e fala dos estudantes, já que estes precisam estudar sobre o que irão escrever, ter uma boa escrita para produzir as notícias e saber o que perguntar quando entrarem em contato com as fontes.

4. METODOLOGIA

O estudo, de cunho qualitativo, baseia-se em uma pesquisa-ação que, de acordo com Franco (2005, p. 485), têm suas origens “nos trabalhos de Kurt Lewin, em 1946, num contexto de pós-guerra, dentro de uma abordagem de pesquisa experimental, de campo”.

Além de suas características próprias (quatro últimas), a pesquisa-ação possui características em comum com a pesquisa participante (cinco primeiras), conforme coloca Peruzzo (2006):

1- O pesquisador se insere no grupo pesquisado participando de todas as suas atividades [...]. 2- O investigador interage como membro [...]. 3- O grupo pesquisado conhece os propósitos e as intenções do investigador, e normalmente concordou previamente com a realização da pesquisa. 4- O pesquisador pode ser membro do grupo ou apenas se inserir nele para realizar a pesquisa. 5- O pesquisador normalmente se compromete a devolver os resultados da investigação ao grupo ou à comunidade pesquisada. [...] 6- O grupo não apenas sabe que está sendo investigado, mas também conhece os objetivos da pesquisa e participa do processo de sua realização. 7- Ela implica o engajamento do pesquisador no ambiente investigado e também no envolvimento das pessoas do grupo no processo da pesquisa [...]. 8- A pesquisa tem o propósito de contribuir para solucionar alguma dificuldade ou um problema real do grupo pesquisado. 9- Os resultados – e o próprio processo da pesquisa – reverterem em benefício do grupo, pois servem de subsídios para o encaminhamento de soluções demandadas in loco. (PERUZZO, 2006, p. 137-138)

Assim sendo, o intuito da pesquisa-ação é resolver um problema do grupo pesquisado com o auxílio e colaboração dos próprios componentes deste grupo. Isso é o que foi realizado no jornal impresso produzido para este estudo, os alunos auxiliaram em grande parte da produção do jornal e também contribuíram com opiniões.

Após algumas aulas para entender o jornalismo e reuniões de pauta, os estudantes fizeram a apuração das informações, entrevistaram as fontes, tiraram as fotografias, escreveram as notícias e as enviaram para a pesquisadora, que revisou os textos e os encaminhou novamente para os estudantes para que eles revessem o que haviam escrito. Posteriormente foi feita a diagramação do jornal, que também foi acordada com os estudantes previamente, e o jornal já

diagramado foi enviado para a editora para que fosse impresso. A avaliação da produção do jornal foi feita através de um questionário com perguntas fechadas e abertas respondido por cada um dos estudantes que participou da produção.

5. RESULTADOS

Foi proposto aos alunos da turma 303, do terceiro ano do ensino médio integrado ao Técnico em Informática, da escola Estadual de Educação Básica Professora Cléia Salete Dalberto de Tenente Portela, RS, a produção de um jornal impresso, no qual os próprios alunos foram os repórteres, fazendo a apuração das informações, as fotografias, edições, além de alguns auxiliarem na diagramação.

Dos 17 (dezesete) alunos da turma, apenas 11 (onze) aceitaram participar da produção do jornal. No primeiro encontro, dia em que a produção foi proposta, todos os estudantes concordaram em participar, entretanto, com o decorrer das atividades, alguns alunos não demonstraram comprometimento e desistiram. Muitos professores da turma cederam aulas para que as reuniões acontecessem e para que o jornal pudesse ser produzido.

O jornal "O Eco"¹ tem oito (08) páginas e é de uma única edição, mas os alunos e a escola poderão continuar produzindo o jornal, caso queiram. A temática foi escolhida pelos alunos, de acordo com seus interesses e afinidades, assim como os entrevistados e fotografias. Cada estudante que participou da produção do jornal impresso escreveu uma notícia, com exceção de um aluno, que preferiu apenas fazer as fotografias para aqueles que não teriam como as fazer. No geral, cada estudante fez as fotografias para a própria notícia. Alguns também auxiliaram na prospecção dos anunciantes para custear a impressão do jornal.

O jornal foi impresso em cores, para uma maior qualidade na visualização das informações e em papel **couchê** 90 gramas, pois a durabilidade deste tipo de papel é superior a do papel jornal, podendo assim ser guardado como recordação sem o risco de se desfazer. Foram impressas 2.000 (duas mil) cópias, que totalizaram o valor de R\$ 1.200,00, valor este custeado pelas 14 (quatorze) empresas patrocinadoras, que contribuiram com R\$ 100,00 cada – o montante

1 O jornal "O Eco" já apresentou três (03) edições produzidas pela Escola com auxílio de jornalistas e que teve esse nome escolhido depois de uma pesquisa realizada com os estudantes da Escola.

que restou foi doado à Escola. Optou-se por não inserir nenhuma propaganda na capa e na contracapa do jornal, para que todas as empresas tivessem a mesma visibilidade. Além disso, todos os anúncios possuíam o mesmo tamanho e como algumas empresas não tinham logomarca, foi estabelecido um padrão de fonte para o nome da empresa e dados adicionais, como telefone e endereço, em todas as propagandas.

No decorrer da produção alguns alunos demonstraram pouco comprometimento com os prazos e atividades, enquanto outros se empenharam e auxiliaram na busca por patrocínio, elaboração da logomarca do jornal e na diagramação. Apesar de parte da diagramação ter sido feita em sala de aula com a presença de todos os alunos, poucos participaram deste processo. O fato de o jornal não contabilizar nota aos alunos pode ter sido um dos motivos do pouco comprometimento de alguns estudantes. Durante a elaboração das notícias pôde-se perceber uma grande dificuldade de alguns alunos em escrever, a linguagem utilizada se assemelha muito a empregada nas redes sociais, como abreviações, por exemplo, além de erros de digitação e concordância verbal e nominal.

Para que se pudesse contatar os alunos com maior rapidez, um grupo no **Facebook** foi criado, onde eram postados avisos e sugestões. O grupo do **Facebook** foi largamente utilizado para esses fins e era visualizado com bastante frequência pelos estudantes que curtiam e comentavam as publicações. Com o mesmo intuito foi criado um grupo de e-mail do **Google**, o **Google Groups**, que não foi utilizado, pois alguns e-mails passados pelos estudantes não estavam corretos e outros eram pouco visualizados.

Mesmo com alguns contratemplos, como a falta de empenho de alguns e pouco tempo disponível para a produção do jornal, já que o único turno possível para as reuniões era o matutino, o jornal pôde ser concluído e impresso um mês e meio após o início de sua produção.

Para verificar as mudanças ocorridas e o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos da turma 303 que participaram da produção do jornal impresso "O Eco" após a sua conclusão, foi realizada uma entrevista com a professora de português da turma, no qual relatou:

Percebi que os alunos que se envolveram na produção do jornal apresentaram significativa melhora nas habilidades de leitura e escrita. Vale dizer que houve comprometimento, interesse e aprendizado. Quando são desafiados, mostram seu potencial e adquirem condições de ir além. Essa atividade proposta pela Professora Lídia, oportunizou momentos de pesquisa, leitura, produção, reflexão e análise. Sem dúvida, houve avanços. Certamente, após essas atividades os alunos estão capazes de redigir com mais clareza, correção e coerência. Também, foi possível perceber que aumentou o interesse desse grupo de alunos por jornais. É, certamente, o primeiro passo. Cabe a nós dar seguimento.

Para entender como foi o processo de produção do jornal para os alunos, um questionário foi aplicado através do **Google Docs** e divulgado no grupo do **Facebook**. O questionário contava com três (03) perguntas fechadas e duas (02) abertas. O primeiro questionamento se deu a partir das habilidades que foram desenvolvidas durante o processo, como a de leitura.

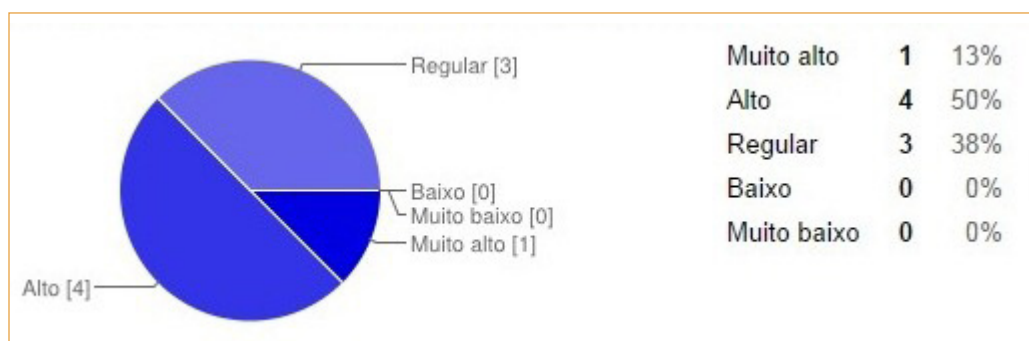


Gráfico 01: Avaliação do desenvolvimento das habilidades de leitura pelos alunos.

Metade dos estudantes respondeu que o desenvolvimento de suas habilidades de leitura após concluir a produção do jornal foi alto e 13% declararam que foi muito alto. No entanto, 38% dos alunos afirmaram que este desenvolvimento foi regular, o que vai de encontro com o que coloca a professora de português da turma, que explicou que percebeu um grande aumento nas habilidades de leitura dos alunos. Isso porque, para escrever as notícias e para realizar as entrevistas, cada aluno precisou ler, ao pesquisar e estudar a respeito de seu tema, além de ter que observar os meios de comunicação, a fim de entender como é a linguagem utilizada na produção de notícias.

Para escrever uma notícia, o repórter precisa de muito conhecimento e informação sobre os fatos, quanto mais se pesquisa e se lê sobre o assunto, mais completa, profunda, bem estruturada e bem escrita a notícia ficará.

Em seguida, os alunos foram questionados sobre o desenvolvimento das habilidades de escrita, após a produção do jornal.

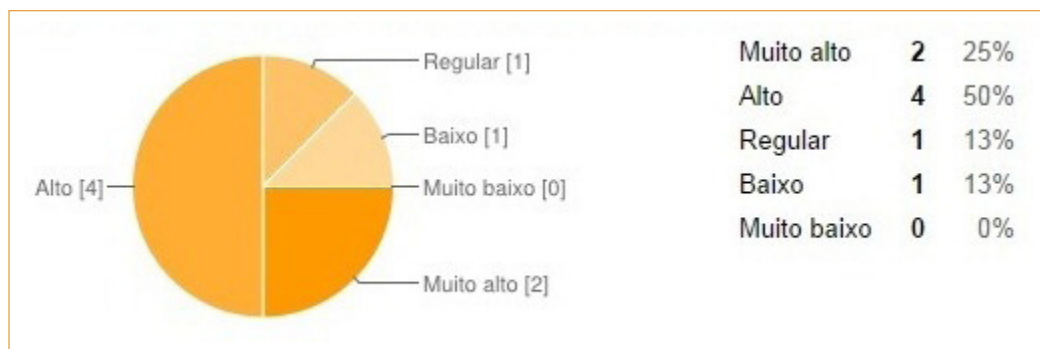


Gráfico 02: Avaliação do desenvolvimento das habilidades de escrita pelos alunos.

Nesta questão, os alunos responderam que o grau de desenvolvimento foi maior que o da leitura. Metade, 50%, colocou que suas habilidades de escrita foram altamente desenvolvidas e para 25% o grau de desenvolvimento foi muito alto, enquanto os graus regular e baixo foram indicados por apenas 13% cada um. Isso se deve ao fato de os estudantes precisarem elaborar as pautas antes das notícias, elaborar as perguntas aos entrevistados e escrever, revisar e depois reescrever as notícias. O fato de os estudantes precisarem pensar em como estruturar as notícias pelas quais ficaram responsáveis também fez com que eles adquirissem maiores habilidades no momento de escrever, pois precisaram refletir rapidamente para que pudessem colocar no papel as ideias já organizadas.

Estes resultados mostram que ao produzir um jornal impresso com os estudantes, os professores estão contribuindo de forma significativa com o desenvolvimento das habilidades tanto de leitura quanto de escrita, além de fazer com que os alunos aprendam a pesquisar de modo mais profundo e repensar as informações que utilizarão quando estiverem escrevendo as notícias e também os trabalhos escolares.

A terceira questão respondida pelos alunos foi sobre o desenvolvimento do senso crítico em relação às informações veiculadas pelos meios de comunicação.

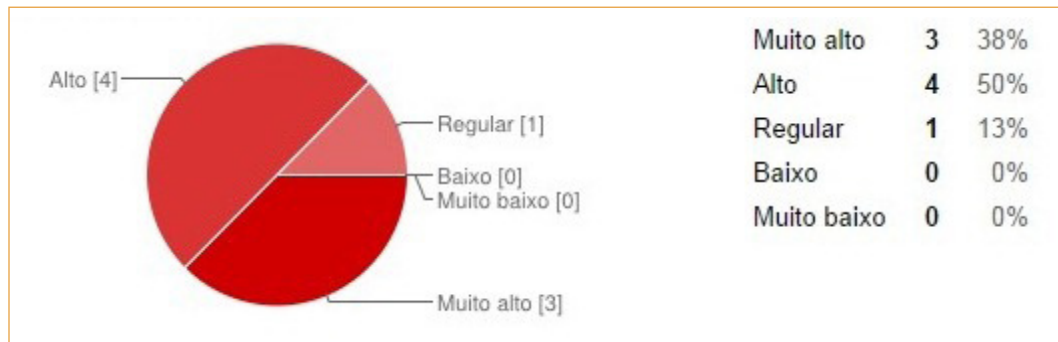


Gráfico 03: Avaliação do desenvolvimento do senso crítico pelos alunos.

Assim como na questão anterior, nesta, sobre a criticidade no que diz respeito às informações veiculadas pelos meios de comunicação, a grande maioria respondeu que o grau de desenvolvimento da criticidade foi alto, 50%, e muito alto 38%. Somente 13% dos alunos apontou que o desenvolvimento foi regular. Participar ativamente de uma produção jornalística como um jornal impresso, fez com que os estudantes conhecessem a rotina dos repórteres, como algumas pautas foram escolhidas em detrimento de outras, como as informações foram apuradas, quais fontes deveriam ser entrevistadas, como se deu a edição das notícias e também sua veiculação. Compreendendo essa rotina, os alunos entenderão que as informações podem ser manipuladas, fontes podem ser inventadas, fatos distorcidos e falsas notícias podem ser publicadas. Além disso, os estudantes compreenderão que nem todos os veículos de comunicação são confiáveis, principalmente os que estão na Internet, pois qualquer pessoa pode produzir conteúdo, e muitas utilizam do sensacionalismo para atrair público, sem se importar com a veracidade dos fatos. O que demonstra a importância de não só utilizar as mídias, neste caso a imprensa, mas também produzi-las com os alunos, para que eles tenham uma aproximação maior com as rotinas, com os conteúdos veiculados e com as informações e conhecimentos necessários para uma produção desta natureza.

Os estudantes também foram questionados, através de perguntas abertas, sobre o que pensavam em relação à utilização das mídias, em especial a

impressa em sala de aula. Todos os alunos acreditam ser importante essa utilização, e os principais motivos colocados por eles foram: o avanço das tecnologias; complemento nas tarefas de aprendizagem; auxílio na aquisição de conhecimentos; aprimoramento da leitura e da escrita; instiga o senso crítico dos alunos; torna as aulas dinâmicas e contextualizadas; contribui para o processo educativo de criar, de pesquisar, aprimora os conhecimentos tecnológicos, torna os alunos sujeitos no processo de aprendizagem; e também auxilia na compreensão dos fatos.

Quanto aos sentimentos ao produzir o jornal, os estudantes colocaram que foi de realização ao ver o jornal finalizado e aceito pela comunidade; foi gratificante, uma experiência diferente e boa, no qual foi possível conhecer o processo de produção de jornais e o trabalho dos jornalistas; os alunos puderam aprender com as notícias que escreveram, com as que leram depois do jornal finalizado e com as fotos que fizeram, também tiveram a oportunidade de perder a timidez, já que precisaram fazer entrevistas para escrever as matérias; para os alunos, foi uma experiência que valeu a pena e que fariam novamente.

Através das respostas pode-se perceber que os alunos compreenderam que as mídias podem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas, que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, conseguiu-se comprovar a eficácia da produção de um jornal impresso por estudantes no desenvolvimento de suas habilidades de escrita e leitura e no aumento da criticidade em relação aos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo sobre a produção de um jornal impresso por estudantes, que teve por objetivo verificar se esta produção pode auxiliar no desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita de textos, bem como aprimorar a criticidade em relação às informações veiculadas pelos meios de comunicação, constatou-se que sim, fazer com que os alunos produzam um jornal impresso os incentiva a buscar novas leituras, novas formas de escrever e também entender que devem ser sujeitos críticos no que se refere aos conteúdos divulgados nas mídias.

Assim como em todo e qualquer estudo, foram encontradas dificuldades na produção do jornal, principalmente no que diz respeito ao comprometimento dos estudantes, que muitas vezes não cumpriam prazos e desistiam da produção, e à utilização de aulas de diversas disciplinas, já que não era determinado um momento específico no horário dos alunos para a produção do jornal. Problemas com ortografia foram frequentes durante a elaboração do jornal, muitos estudantes apresentaram problemas dessa natureza no decorrer das atividades.

Apesar das dificuldades, o jornal foi finalizado e distribuído na escola e para a comunidade, deixando sentimentos de realização nos estudantes e também na pesquisadora, por ser uma atividade diferente das que estão habituados. Com o jornal, os alunos puderam perceber as mídias também como ferramentas pedagógicas.

Os resultados positivos obtidos neste estudo poderão servir de estímulo àqueles professores que ainda têm dúvidas sobre a efetividade do uso das mídias no desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita dos alunos e também na criticidade em relação aos conteúdos divulgados pelos meios de comunicação.

7. REFERÊNCIAS

AMARAL, G. L. **Reflexões sobre a produção de jornais estudantis em escolas de ensino secundário (1930-1960):** a contribuição da obra “Jornais Escolares” de Guerino Casasanta. [S.l.: s.n.], 2012.

DORNELLES, B. **O localismo nos jornais do Interior.** Revista Famecos: Porto Alegre. v. 17, n. 3, 2010, p. 237-243.

DORNELLES, B. **Características de jornais e leitores interioranos no final do século XX.** Atas do 3º Sopcom, 6º Lusocom e 2º Ibérico, Volume 4. 2011.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo.** 4 ed. São Paulo: Ática. 1991.

FRANCO, M. A. S. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, 2005, p. 483-502.

KENSKI, V. M. **Gestão e uso das mídias em projetos de educação a distância**. Revista E-Curriculum, São Paulo, v. 1, n. 1, 2006.

LUTZ, C. P. O. **Jornal impresso na educação: usos e perspectivas**. 11ª Jornada de História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR. Cascavel, PR. 2013.

MORAN, J. M. **Programa 2 – Integração de mídias: impressas, eletrônicas e digitais**. In: Debate: mídias na educação. Salto para o Futuro. 2006.

MORAN, J. M. As mídias na educação. In: MORAN, J. M. **Desafios na comunicação pessoal**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

PEREIRA JÚNIOR, L. C. **A Apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. 1 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2006.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas. 2006.

PETERS, R. S.; FRUET, F. S. O. **Produção colaborativa de um jornal on-line na escola**. Novas Tecnologias na Educação. CINTED-UFRGS, v. 9, nº 2, 2011.

SOARES, I. O. **A mediação tecnológica nos espaços educativos: uma perspectiva educomunicativa**. Revista Comunicação & Educação, ano XII, n. 1, jan/abr 2007, p. 31-40.

SOARES, I. O. **Mas, afinal, o que é educomunicação?**. Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acesso em: abril 2016.

SOUSA, J. P. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto. 2001. Disponível em: <<http://bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: Out. 2011.

VIEIRA, T. A. S. **Jornalismo no interior: potencialidades éticas e técnicas**. ECA-USP e Faculdade de Pato Branco. INTERCOM. Salvador: BA. 2002.

WERLE, F. O. C.; BRITTO, L. M. T. S.; NIENOV, G. **Escola normal rural e seu impresso estudantil**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 45, 2007, p. 81-105. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n45/a05n45.pdf>>. Acesso em: Set. 2013.

•● AUTORIA ●•

Lidia Paula Trentin – Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná – UTP. Integrante do Grupo de Pesquisa Jor XXI, da Universidade Tuiuti do Paraná – UTP. Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria. Especialista em Mídia Educação pela UFSM. E-mail: lidiapaulatrentin@gmail.com.

Frankiele Oesterreich – Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas a Educação UFSM e em Metodologias e Gestão para Educação a Distância, pela Anhanguera-Uniderp. Pedagoga pela UFSM. Professora do curso de especialização em Mídias na Educação UAB/UFSM. Professora-tutora da Universidade Anhanguera-Uniderp, polo São Pedro do Sul/RS. Coordenadora de Polo EAD – ULBRA Santa Maria, RS. E-mail: frank.vey@gmail.com.